

**A SIMBOLOGIA DA RESISTÊNCIA POLÍTICA EM
TEXTOS SAGRADOS:
Hermenêutica a partir de Ap 17,1-18**

*Jair Rodrigues Melo**

Resumo

O presente artigo versa sobre a simbolização da resistência política presente em Apocalipse 17,1-18. Nesse sentido, busca-se analisar as relações entre o conjunto de símbolos utilizados no texto e a resistência política das comunidades cristãs diante da opressão do Império Romano no alvorecer do cristianismo. A partir de uma metodologia de natureza bibliográfica, o presente trabalho fomenta uma reflexão crítica entre o texto e o contexto do Apocalipse enquanto literatura engajada diante da oposição a condições opressoras às quais muitas comunidades cristãs estavam submetidas. Está dividido em duas partes: o Apocalipse em seu contexto sociopolítico e análise hermenêutica de Ap 17,1-18 a partir do uso de símbolos no texto em questão como resistência política.

Palavras-chave: *Apocalipse. Símbolos. Império Romano. Resistência sociorreligiosa.*

Abstract

The present article discusses the symbolic political resistance in Apocalipse 17,1-18. In this sense, we aim to analyse the relationship between the set of symbols used in the text and the political resistance of the Cristian communities when faced with the oppression of the Roman Empire at the birth of Cristianity. Via a methodology of bibliographic nature, the present work encourages a critical reflexion between the text and the context of Apocalipse as political literature against the opposition from oppressive conditions to which several cristian communities were submitted to. The

* Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), na linha de pesquisa: Tradição Judaico-Cristã, Cultura e Sociedade. E-mail: fmpadrecicero@hotmail.com

article is divided into two parts: the Apocalypse in the socio-political context and the hermeneutic analysis of Ap 17,1-18 from the use of symbols in the text in question as political resistance.

Keywords: *Apocalypse. Symbols, Roman Empire. Social-religious Resistance.*

Introdução

O Apocalipse é um dos livros mais lidos e também mais comentados desde a sua origem e se constitui como uma das obras bíblicas mais enigmáticas, pela sua linguagem e simbologia¹. O espectro simbólico que subsidia o texto levou o Apocalipse a ser considerado como uma “literatura de resistência”, uma vez que por trás da linguagem simbólica está toda uma crítica ao contexto sociopolítico conflitivo experienciado pelos primeiros cristãos.

Essa visão apocalíptica que propugna uma interpretação hierofanizada e mítica do poder temporal está subsidiada numa situação social precária, real e factual, mas que no cerne do discurso apocalíptico está orientada para a produção simbólica de uma realidade que vem cumprir plenamente a expectativa de libertação das pessoas.

De acordo com Tuñi e Alegre², “hoje em dia o Apocalipse recuperou a sua atualidade, sobretudo entre as comunidades cristãs perseguidas por sua fé e por sua fidelidade ao evangelho”. Apesar de ser considerado por especialistas como um dos livros mais difíceis do Segundo Testamento, o Apocalipse goza do apreço de diversas comunidades cristãs que ainda hoje encontram nele força para alimentar a esperança que alude à vitória de Cristo sobre o mal.

Assim sendo, torna-se pertinente uma hermenêutica do texto apocalíptico subsidiada pela compreensão do processo de simbolização da resistência dos primeiros cristãos em relação à dominação do poder político do Império Romano na segunda metade do século I, enfatizando uma abordagem do Apocalipse engajada com as problemáticas de seu tempo.

1. Contexto sociopolítico das comunidades cristãs na Ásia Menor no século I

Antes de tornar-se província do Império Romano a Ásia Menor fazia parte do reino dos selêucidas. Era composta por uma vasta região compreendida pela parte oriental da atual Turquia e tinha como cidade mais importante Esmirna. A

1. TUÑI, Josep Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave Maria, 1999, p. 191.

2. *Ibidem*, p. 192.

partir de 133 aC passou a ser província romana, sendo composta de maneira especial pelas regiões de Mísia, Lídia, Cária e Frígia.

Na Ásia Menor estavam situadas diversas comunidades cristãs. Estas que eram, sobretudo, formadas por judeu-cristãos. Pode-se afirmar que elas estavam significativamente enraizadas no judaísmo³, porém com uma abertura também a outros grupos judaicos como samaritanos e qumranitas.

As comunidades cristãs enfrentavam, de forma especial na segunda metade do século I, muitas dificuldades internas e externas, como exemplo pode-se citar, além da opressão dos imperadores romanos, divisões internas, fomentação de doutrinas consideradas falsas, conflitos com os judeus e até mesmo com cristãos que não coadunavam com algumas atitudes da comunidade. Além disso, havia dentro dela própria grupos divididos entre si⁴. Nesse sentido, muitos desanimaram na caminhada, enquanto outros resistiram à turbulência alimentando a esperança de libertação.

O elevado apreço que a comunidade possuía pela divindade de Jesus contribuiu para o aumento dos antagonismos internos e externos:

Muito deste reconhecimento mostra uma comunidade cuja avaliação de Jesus era aguçada pela luta, e cuja elevada apreciação da divindade de Jesus levava a antagonismos fora da comunidade e a cismas dentro dela. Se a águia joanina pairava por sobre a terra, ela o fazia com as garras de fora preparadas para a luta. E os últimos escritos que nos ficaram mostram os filhotes da águia dilacerando-se mutuamente pela posse do ninho. Há momentos de contemplação tranquila e de penetração iluminada nos escritos joaninos, mas eles também refletem um envolvimento profundo na história cristã. Como Jesus, a palavra transmitida à comunidade joanina vivia na carne⁵.

De forma especial entre os anos 60 e 100 do século I dC, o cristianismo passou para uma nova etapa de sua história, contextualizada pela morte dos apóstolos, a guerra dos judeus contra Roma, a destruição do templo de Jerusalém, e a concretização da separação da religião cristã em relação ao judaísmo. Nesse sentido, um dos grandes desafios enfrentados consistiu na perseguição sistemática empreendida por imperadores romanos, nesse momento especialmente Nero (54-68 dC) e Domiciano (81-96 dC), que tentaram a todo custo impor aos cristãos o culto imperial. Dentro desta perspectiva, assim se expressa Henrique Cristiano José Matos:

3. TUÑI, Josep Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*, p. 129.

4. BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1992, p. 22.

5. BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*, p. 23.

Os cristãos encontram hostilidade e perseguição por parte dos judeus e, às vezes, da população pagã, que estranha a religião cristã, aparentemente sem templo e sem deuses. Sob os imperadores Nero (54-68 dC) e Domitiano (81-96 dC), que reivindicavam para si mesmos um culto divino, os problemas aumentam, especialmente em algumas regiões onde os cristãos são mais numerosos e o culto imperial está mais desenvolvido. O livro do Apocalipse reflete esta situação e rejeita como diabólicas as pretensões do império⁶.

Além da grande tributação, forma clássica de submissão econômica nas sociedades antigas, o culto imperial era um dos meios mais recorrentes nos meandros da legitimação da magnificência religiosa do imperador. Somado a isso, havia um fator que tornava essa relação ainda mais problemática: naqueles tempos religião e política eram consideradas duas faces de uma mesma moeda e o culto se manifestava como parte essencial da política imperial⁷. Pelo zelo que os cristãos tinham em relação ao culto ao Deus único, não aceitavam estas determinações do Império e rejeitavam a concepção do imperador como deus, o que contribuiu para aumentar as hostilidades entre muitos cristãos e as autoridades de Roma, bem como dos grupos já conformados ao seu poder político.

Mediante a opressão empreendida pelo Império, os cristãos buscaram formas de resistência que visavam preservar a unidade e a identidade religiosa do cristianismo nascente e os textos que surgiram das comunidades cristãs serviram para alimentar a esperança de dias melhores, bem como para o fortalecimento da fé.

2. Hermenêutica de Ap 17,1-18

¹Então veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo: “Vem, vou mostrar-lhe o julgamento da famosa prostituta que está assentada sobre muitas águas,²com ela se prostituíram os reis da terra, e os habitantes da terra se embebedaram com o vinho da sua prostituição.

³Eu me mudei em espírito a um deserto. E vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor escarlate, coberta com títulos blasfemos, a besta tinha sete cabeças e dez chifres. ⁴A mulher estava vestida de púrpura e de escarlate, que brilha como ouro, pedras preciosas e pérolas, segurando na mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua prostituição.

⁵E na sua testa estava escrito o nome – um mistério –. “A grande Babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra”. ⁶E vi que a mulher estava

6. MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à História da Igreja* (vol. 1). Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997, p. 55.

7. ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 72..

embriagada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus. E admiravam-se dela.

⁷Mas o anjo disse-me: “Por que você está admirado? Vou explicar o mistério da mulher e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

⁸A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, mas caminha para a destruição. Os habitantes da terra, cujo nome não foi registrado desde a criação do mundo no livro da vida, vão se maravilhar ao verem a besta que era e já não é, mas reaparecerá.

⁹Aqui é necessária a inteligência, ter sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada. Eles são também sete reis: ¹⁰cinco já caíram, um existe, e o outro ainda não chegou. E quando vier, vai ser de curta duração. ¹¹E a besta que era, e é, para o oitavo, mas é um dos sete, e caminha para a destruição.

¹²Os dez chifres que viste são dez reis que ainda não receberam o reino, mas receberão com a Besta o poder real, só por uma hora. ¹³Todos eles concordam em se submeter ao poder da Besta e o poder que eles têm. ¹⁴Estes combaterão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro como é o Senhor dos senhores e Rei dos reis, os vencerá e junto com ele, os chamados, os escolhidos, e fiéis.

¹⁵Ele me disse: “As águas que viste, onde se assenta a prostituta, são povos, multidões, nações e línguas. ¹⁶E os dez chifres que viste odiarão a prostituta, a deixarão sozinha e nua, e comerão a sua carne e queimarão com fogo; ¹⁷porque Deus inspirou a decisão de implementar seu próprio plano, e concorda em ceder soberania a esta até que as palavras de Deus se cumpram. ¹⁸E a mulher que viste é a grande cidade que tem a soberania sobre os reis da terra.*

* Texto extraído da Bíblia de Jerusalém (2002).

A perícopes em estudo faz parte de uma unidade literária que se inicia no capítulo 17 e vai até 19,10. De acordo com Arens⁸, esta unidade versa sobre o julgamento por Deus em relação a “Babilônia”, em que se evidencia a soberania absoluta de Deus, que é visto como o “Senhor dos senhores e Rei dos reis” (17,14). Em Ap 17,1-18 é narrada a visão sobre o julgamento da mulher, esta que é vista como uma grande prostituta e identificada com a “grande cidade” que tem poder sobre os reis de toda a terra.

8. ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*, p. 234.

A narrativa sobre o julgamento da “grande prostituta” presente em Ap 17,1-18 possui uma estrutura literária que, esquematicamente, pode ser dividida nas subunidades abaixo expressas:

- | | |
|----------|--|
| v. 1-2 | Convite para o vidente contemplar a “grande prostituta” |
| v. 3-6 | A visão da cidade prostituta |
| v. 7 | Anúncio de que um anjo explicará o mistério da cidade prostituta |
| v. 8 | Explicação do simbolismo da besta |
| v. 9-11 | Explicação do simbolismo das sete cabeças |
| v. 12-14 | Explicação do simbolismo dos dez chifres |
| v. 15-18 | Explicação do destino da cidade prostituta |

O convite para que o vidente contemple algo que será revelado mediante visões pode ser visto como um dos traços característicos dos escritos apocalípticos⁹. Já no início do livro, pode ser encontrada a ordem dada a João: “escreve, pois, as coisas que viste...” (Ap 1,19). Ele é convidado para ver o juízo de Deus sobre a mulher que é identificada como uma prostituta que está assentada sobre muitas águas. Segundo Howard-Brook e Gwyther¹⁰, o uso da expressão “prostituta” para uma cidade já era conhecido no Primeiro Testamento (Ez 16,26.28-29) e designava a infidelidade ao parceiro de aliança. Além disso, sugere que a causa da infidelidade é a sedução. Ninguém é levado à traição sem que antes tenha sido seduzido. Nesse sentido, no contexto da dominação do Império Romano, poder-se-ia indagar: qual a razão do poderio político e econômico de Roma? A resposta parece estar justamente no caráter sedutor de “Babilônia”.

Em Ap 13,1 a besta já havia sido descrita numa perspectiva alusiva a Roma. Já Ap 17,3 a besta é apresentada como aquela que dá sustento a Roma, uma vez que a mulher está sentada sobre ela. Esta besta traz como identidade a expressão de nomes blasfematórios e é possuidora de grande poder, tem “dez chifres”. Por esta perspectiva, a besta aparece como a encarnação do mal, expressa na tirania implacável do governo imperial e que se opõe a Deus e aos seus eleitos¹¹.

9. ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*, p. 109.

10. HOWARD-BROOK, Wes; GWYTHER, Anthony. *Desmascarando o imperialismo: a interpretação do Apocalipse ontem e hoje*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, p. 206.

11. MOUNCE, Robert H. *The Book of revelation*. Michigan: B. Erdmans, 1998, p. 314.

A partir da admiração do vidente, o anjo anuncia que irá explicar os significados dos simbolismos anteriormente descritos. De acordo com Aune¹², a presença de um anjo na qualidade de intérprete, presente em Ap 17, embora seja algo que pode ser encontrado em outros textos apocalípticos da tradição judaica ou cristã, tem na perícopie em questão uma função peculiar. Na medida em que o anjo faz comentários alegóricos acerca das características da visão de João. Dessa forma, o anjo contribui para que o vidente busque compreender de que formas os simbolismos apresentados devem ser articulados com os acontecimentos que fazem parte da realidade dos destinatários e cuja correspondência histórica será transformada a partir da intervenção divina libertadora.

Na narrativa são apresentadas as seguintes informações acerca dos sete reis: “cinco já caíram, um subsiste, o outro ainda não veio; e quando vier, deve permanecer pouco tempo. Quanto à besta que era e já não é, ela mesma é um oitavo rei. Todavia, é um dos sete e caminha para a perdição”. De acordo com Prigent¹³, muitos exegetas concordam que por trás do simbolismo das sete cabeças estão sete imperadores sobre os quais se deve saber discernir. E é justamente no campo das modalidades de cálculo que surgem as dificuldades e divergências de opiniões.

Dessa forma, uma das possibilidades viáveis de análise seria considerar que se o texto foi escrito no final do reinado de Domiciano (81-96 dC), o autor usou de um recurso já conhecido em textos apocalípticos do primeiro testamento de retroceder no tempo para descrever melhor os acontecimentos do presente. O sexto rei que “ainda subsiste” poderia ser considerado como Vespasiano (69-79). Assim, a sequência dos cinco que já caíram começaria com Augusto (31-14 dC) uma vez que este iniciou a dinastia imperial. A ele sucederiam os seguintes: Tibério (14-37 dC), Calígula (37-41 dC), Cláudio (41-54 dC) e Nero (54-68 dC). Por esta perspectiva, desconsiderando a rápida passagem dos sucessores de Nero (Galba, Oton e Vitélio), que não figurariam na lista e que não são tão expressivos do ponto de vista da história política do Império no século I, Vespasiano seria o rei ainda vivo.

O sétimo que ainda viria, mas que reinaria por um curto tempo, seria Tito, cujo governo só durou de fato pouco mais de dois anos (79-81 dC). Quanto ao oitavo rei que era também um dos sete e caminhava para a perdição, este pode ser interpretado como sendo Domiciano, que possuía a fama de tão tirano quanto Nero. Assim sendo, a narrativa o coloca como um dos sete por aproximá-lo de Nero César, que era o quinto da lista. Segundo Mesters e Orofino¹⁴, está aí uma

12. AUNE, David E. *Apocalypticism, prophecy and Magic in Early Christianity*. Indiana: Mohr Siebeck, 2006, p. 241.

13. PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 297.

14. MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 302.

clara referência à lenda de Nero redivivo, cuja força e opressão eram notáveis também em Domiciano. Por fim, este último já estava a caminho da perdição e, portanto, com o reinado dele já se deveria esperar o julgamento final de Deus, esperado para breve, o que poderia ajudar as comunidades a fortalecerem a fé e serem perseverantes em relação à mesma.

Ao explicar o simbolismo dos dez chifres, percebe-se no texto uma clara influência do livro de Daniel 7,24, que estabelece uma relação entre os chifres e os “dez reis” da terra. De acordo com Ap 17,13, os reis trazem como característica principal o seu devotamento à besta: “Eles têm o mesmo pensamento: transmitir à Besta a sua força e o seu poder”. Eles somarão forças à mesma, quando houver a manifestação da última batalha dela contra o cordeiro, sendo que será derrotada definitivamente por este último. Nesse sentido, constituem-se, sobretudo, como forças que se alinham à besta no combate contra o cordeiro, sendo adversários escatológicos do mesmo.

Por fim, a narrativa descreve que a cidade-prostituta cairá a partir de suas próprias contradições, uma vez que a própria Besta que a carrega, juntamente com os seus dez chifres, se voltará contra ela. Os diversos povos, multidões, nações e línguas contemplaram a queda daquela que outrora ostentava luxo e riqueza, mas que diante da soberania de Deus é reduzida a nada.

Para Mesters e Orofino¹⁵, aqui fica claro que o texto alude à destruição do domínio universal de Roma. Do ponto de vista histórico, no século I Roma ainda estava firme e ostentava um grande poder, que deixava os cristãos numa grande sensação de impotência diante do Império opressor. Porém, a narrativa anuncia um grande contraste: apesar do poder imenso sobre os diversos povos e nações, cairá pela própria contradição à qual está submetida. Os reis que a ela demonstram estar alinhados, por terem ódio à cidade, aguardam um momento oportuno para se posicionarem contra ela.

3. Conclusão

Diante do sistema de censura do Império Romano que considerava como passíveis de repressão as pessoas que faziam críticas a este, um dos instrumentos de resistência política utilizados pelos cristãos foi a literatura apocalíptica. Dessa forma, diversos símbolos utilizados no Apocalipse fazem referência a Roma e seu poder político, em linguagem enigmática, sobretudo, para quem não tinha conhecimento das tradições judaicas e cristãs. Símbolos como a prostituta, a Besta e a Babilônia são utilizados em Ap 17,1-18 com diferentes níveis de significação e denotam a rejeição de cristãos à opressão política romana¹⁶.

15. MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João*, p. 303.

16. ARENS, Eduardo; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*, 2000.

Como se vê, a simbologia da resistência política presente em Ap 17,1-18 revela uma perspectiva de experiência religiosa que, além da relação com símbolos que tocam no campo da mística e da contemplação, possibilitou aos cristãos um novo sentido para a opressão política, não mais como uma fatalidade, mas como um sinal da proximidade da vitória do Cordeiro e de seus aliados, marcada para breve. Na fé, têm participação nessa vitória aqueles que permanecerem fiéis ao evangelho, apesar das perseguições.

Bibliografia

- ARENS, Eduardo.; MATEOS, Manuel Díaz. *O Apocalipse: a força da esperança*. São Paulo: Loyola, 2000.
- AUNE, David E. *Apocalypticism, prophecy and Magic in Early Christianity*. Indiana, Mohr Siebeck, 2006.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
- BROWN, Raymond E. *A comunidade do discípulo amado*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- HOWARD-BROOK, Wes; GWYTHYR, Anthony. *Desmascarando o imperialismo: a interpretação do Apocalipse ontem e hoje*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.
- MATOS, Henrique Cristiano José. *Introdução à História da Igreja* (vol. 1). Belo Horizonte: Editora O Lutador, 1997.
- MESTERS, C.; OROFINO, F. *Apocalipse de São João: A teimosia da fé dos pequenos*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MOUNCE, Robert H. *The Book of revelation*. Michigan: B. Erdmans, 1998.
- PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo, Loyola. 1993.
- TUÑI, Josep Oriol; ALEGRE, Xavier. *Escritos joaninos e cartas católicas*. São Paulo: Ave Maria, 1999.